

O ONÍRICO OBJETIVO DE SER¹

Pedro Lucas de Souza Lourenço²
Adriana Gomes Tavares³

RESUMO

O artigo relata uma experiência do ensino de História aplicado em uma turma do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Professor Iago Pimentel da cidade de São João del-Rei pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES/DEB nº 10/2024 e vinculado a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Analisa o desenvolvimento do projeto denominado “Meu Passado Hoje” construído pelo bolsista com a orientação da professora supervisora e pelo professor coordenador. A base do projeto é o trabalho das fontes históricas em sala de aula vislumbrando, entre outros objetivos, aperfeiçoar a problematização das fontes como produtos sociais, o senso crítico dos estudantes e a inteligibilidade destes como agentes sociais. O projeto foi dividido em etapas conforme cada fonte histórica e o recorte para este texto refere-se à segunda etapa que teve como tema central a fotografia como objeto de investigação histórica (e não a história da fotografia), sendo aplicada em quatro aulas marcadas, respectivamente, por uma exposição ampla do tema, um estudo de caso, atividade e apresentação do resultado, adotando a práxis teoria-prática. Através dessa experiência é possível discutir possibilidades e limites da utilização do celular como ferramenta pedagógica nas escolas, a subjetividade dos estudantes expressos na atividade e a perda da mesma pela adoção da inteligência artificial que, neste caso, serviu-se de uma palavra sem significado para o estudante que lhe recorreu: “onírico”. Também permite refletir os objetivos e os rumos de todo o projeto que se encontra em andamento.

Palavras-chave: PIBID, projeto, fotografia, subjetividade, inteligência artificial.

INTRODUÇÃO

O PIBID é um programa de incentivo à formação docente desenvolvido pela CAPES, uma peça fundamental na trajetória acadêmica dos graduandos das licenciaturas da UFSJ. O Edital 10/2024 iniciou-se em novembro do primeiro ano e será finalizado em 2026, após 24 meses. A especificidade deste artigo se detém no contexto de um pibidiano do subprojeto de História envolvido na Escola Estadual Professor Iago Pimentel, localizada no bairro Tijucu da cidade de São João del-Rei, supervisionado pela Professora Adriana Gomes Tavares.

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES);

² Graduando do Curso de História da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, pedrolucassouzalourenco@gmail.com;

³ Mestre em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, professora da rede pública estadual desenvolvendo atividade profissional na E. E. Prof. Iago Pimentel em São João del-Rei – MG adriana.gomes.tavares@educacao.mg.gov.br;





No começo do ano letivo de 2025 minha participação na escola foi voltada para observação da comunidade escolar e da turma onde desenvolvo o projeto, o 9º ano 01, pois consideramos importante o conhecimento prévio da dinâmica dos alunos com a escola, entre eles, com a professora supervisora, entre outros, para o bolsista escrever o projeto conforme as especificidades do contexto. Juntamente com o professor coordenador do PIBID, Orlando José de Almeida Filho, e com a professora supervisora, comecei a delinear as possibilidades e os limites de ação, baseado na metodologia de projetos.

O projeto que construí denominado “Meu Passado Hoje”, ainda em desenvolvimento, pretende, desde seu esboço original, destacar aos alunos da educação básica sua agência no mundo ao aproximá-los à epistemologia do fazer História envolvendo temáticas relevantes para a vida dos discentes da escola e a realidade social vivida, ou seja, trabalhar conteúdos (fatos, eventos, acontecimentos) históricos partindo de algumas fontes, buscando analisar e destrinchar as informações de determinada produção. Nesse sentido, além de exercitar a investigação, o olhar crítico dos estudantes e integrar assuntos de cidadania e democracia, o sucesso do projeto resulta na manifestação da “curiosidade epistemológica” proposta por Paulo Freire (1996), quer dizer, na superação da curiosidade ingênua de sua presença no mundo e o firme compromisso de cidadãos produtores responsáveis e, portanto, éticos.

O projeto foi dividido em 5 etapas de acordo com a pretensão de analisar cada fonte histórica ao longo do ano letivo de 2025. Este artigo limita-se à experiência do trato da fotografia, a segunda etapa do projeto e a primeira fonte desenvolvida com os alunos, percorridos ao longo de quatro horários, um por semana entre intervalos. Na primeira aula foi mostrado em configuração mais ampla como a imagem fotográfica reflete as ações humanas e como, sendo um produto social, tem suas manipulações e interesses subjetivos. Na segunda aula foi feito um estudo de caso da Guerra de Canudos, partindo das fotografias. Na terceira aula foi a intervenção dos alunos e na quarta foram apresentados os resultados dessa intervenção. Cabe pontuar que é o intuito prosseguir com esse esquema nas próximas etapas.

Essa etapa foi finalizada no dia 11 de junho de 2025 e, superado alguns obstáculos para o pleno seguimento do projeto, pode-se concluir que foi bem aproveitada e compreendida pelos estudantes. Entre os contratempos extraordinários do cotidiano de uma escola destaca-se a utilização do projetor em sala, a permissão para uso de celular na escola⁴ e o recurso da inteligência artificial na atividade que corre na contramão da proposta do projeto de evidenciar e aperfeiçoar a subjetividade dos estudantes.

⁴ Lei nº 15.100/2025 que regulamenta o uso de celulares e dispositivos eletrônicos pessoais em todas as etapas da educação básica, proibindo seu uso durante as aulas, recreios e intervalos, permitindo o uso dos aparelhos para fins estritamente pedagógicos





ENTRE SONHO E A REALIDADE
Centro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

O Projeto “Meu Passado Hoje” foi construído e está sendo desenvolvido com a intenção de atrair o interesse dos estudantes pelos estudos históricos que encaminha os discentes na participação efetiva. Dessa forma, trabalhar com projetos contribuiu para o conhecimento histórico devido a sua flexibilidade porque, segundo Almeida “a todo momento você pode rever a descrição inicialmente prevista para poder levar avante sua execução e reformulá-la de acordo com as necessidades e interesses dos sujeitos envolvidos, bem como a realidade enfrentada” (ALMEIDA, 2002, p. 36) e porque:

[...] parte das questões de investigação. O aluno vai desenvolver estudos, pesquisar em diferentes fontes, buscar, selecionar e articular informações com conhecimentos que já possui para compreender melhor essas questões, tentar resolvê-las ou chegar a novas questões. Esse processo implica o desenvolvimento de competências para desenvolver a autonomia e a tomada de decisões, as quais são essenciais para a atuação na sociedade atual, caracterizada por incertezas, verdades provisórias e mudanças abruptas (Almeida, 2002, p. 37).

Nesse sentido, é importante salvaguardar a liberdade do aluno para criar, representar e construir o conhecimento com vistas à aprendizagem significativa, ideário que se relaciona diretamente com a proposta de Freire (1996) ao defender os alunos como produtores do saber, o desenvolvimento de sua criticidade e a aproximação dos conteúdos com a experiência dos indivíduos na prática docente. O projeto, portanto, se adequou às demandas dos alunos do 9º 01 observadas pelo pibidiano, às propostas da professora supervisora e dos próprios alunos ao, por exemplo, utilizar fotos da cidade de São João-del Rei na primeira aula, problematizar a comunidade escolar e refletir sobre quais imagens deste local em que estão inseridos desejam perenizar, como condições materiais, de recriação e afins. Os resultados permitem perceber se os objetivos da etapa foram alcançados e concretiza também as especificidades do subprojeto de História que sublinha a importância de preservar a práxis teoria-prática.

No seu estudo sobre o pensamento histórico na educação infantil, o professor Geyso Dongley Germinari defende que o desenvolvimento da Educação Histórica, quer dizer, “ensino-aprendizagem de história efetiva-se mediante um enquadramento teórico circunscrito à epistemologia da História” (GERMINARI, 2014, p. 807). Ou seja, para o aluno compreender o passado e desenvolver o pensamento histórico é imprescindível:

[...] análise de causas e efeitos das mudanças ao longo do tempo; a realização de inferências a partir de diferentes fontes históricas, com suportes diversos (fotografia, pinturas, documentos escritos, depoimentos orais, cultura material); a seleção de fontes para confirmação ou refutação de hipóteses; e a apreensão da multi perspectiva histórica (Germinari, 2014, p. 807)





Para isso se efetivar é interessante desenvolver abordagens de ideias de segunda ordem como a compreensão histórica, narrativa, evidência, inferência, causalidade e afins, aliada aos saberes substantivos, quer dizer, os conteúdos da disciplina. Dessa forma, o estudante consegue perceber as mudanças ao longo do tempo pela investigação histórica (problematização, a construção de conceitos, a análise causal, a contextualização temporal e a exploração de documentos históricos, confirmação ou refutação de hipóteses).

A escola em questão já promovia a redução do uso de aparelhos celulares dos alunos dentro do espaço escolar, mas a lei 15.100/2025, sancionada no dia 13 de janeiro, estabeleceu de fato a proibição do uso nas salas e durante o intervalo, salvo em momentos pedagógicos. Isto foi, segundo o MEC, resultado dos debates sobre o impacto negativo no aprendizado, na concentração e na saúde mental dos estudantes⁵. O bom êxito da aplicação da lei e a obediência por parte dos alunos pode ser observado pela consequência de que muitos deles não transportam mais seus celulares de casa para a escola. É possível supor que os celulares não são utilizados como recurso pedagógico na escola, pelo menos não é comum e causa estranheza. Nesse sentido, quando foi necessário utilizar os aparelhos para a intervenção na terceira aula, além da necessidade de avisar a supervisão da escola e explicar a atividade a ser aplicada para garantir o cumprimento das regras, foi preciso avisar previamente os alunos de não esquecerem de levar os aparelhos celulares. Cabe pontuar que como penalidade, a escola adotou além da ocorrência por escrito, a retenção dos aparelhos celulares, sendo estes entregues apenas à um responsável pelo aluno.

Inicialmente, “Meu Passado Hoje” incluía a criação de um perfil no Instagram para divulgar as atividades realizadas ao longo do projeto, neste caso, as fotografias dos alunos. Assim, mais uma vez, estaria de acordo com a proposta do subprojeto de História que defende o “uso das novas linguagens comunicacionais”, pois estas “despertam grande interesse dos alunos, dos professores e da comunidade escolar da educação básica”. Porém, redigido em novembro de 2024, precisou se adaptar às mudanças advindas do ano novo, além de respeitar as particularidades de cada escola. Tal proposta seria uma possibilidade de experimentar a inserção de aparelhos tecnológicos na prática educacional, dada a globalização e avanço tecnológico que torna inevitável sua influência nesta esfera. Por conseguinte, sendo o “Instagram” um instrumento utilizado excessivamente, supondo ser inclusive pelos alunos, possibilitaria o melhor engajamento dos estudantes no projeto, como nas intervenções devido

⁵ Restrição ao uso do celular nas escolas já está valendo. Ministério da Educação. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/fevereiro/restricao-ao-uso-do-celular-nas-escolas-ja-esta-valendo>>. Acesso em: 1 jul. 2025.





ao reconhecimento por compartilhar suas atividades. Porém, dada as circunstâncias, criar uma rede social apenas para o projeto ~~precisaria enfrentar obstáculos~~ desmotivantes.

É claro que os alunos não precisam exclusivamente deste estímulo vaidoso, prova é o sucesso desta etapa finalizada. No entanto, é importante considerar como as mentalidades dos estudantes são modificadas pelo acesso às novas tecnologias. Prensky (2001) define como “Nativos Digitais” aqueles que cresceram inseridos na lógica tecnológica, por exemplo, com a internet, e como “Imigrantes Digitais” aqueles que precisam se adaptar à elas, mas que mantém certo “sotaque”, ou seja, aspectos do modo de vida anterior. E isso está intrinsecamente ligado às relações nas escolas como, por exemplo, no ensino- aprendizagem:

Os professores Imigrantes Digitais afirmam que os aprendizes são os mesmos que eles sempre foram, e que os mesmos métodos que funcionaram com os professores quando eles eram estudantes funcionarão com seus alunos agora. Mas esta afirmação não é mais válida. Os alunos de hoje são diferentes. (Prensky, 2001, p. 3)

O autor defende a inserção dos novos conteúdos que são mais aplicados para a geração de estudantes mais tecnológica (conteúdo “Futuro”), mas não descarta a importância dos conteúdos tradicionais (“Legado”) e questiona se os nativos devem aprender da maneira tradicional ou se os imigrantes devem aprender novas formas de ensinar. Não há dúvidas que são tarefas árduas, mas no grosso modo são possíveis desde que se tenha criatividade, pois “a menos que nós queiramos apenas esquecer a educação dos Nativos Digitais até eles crescerem e eles mesmos a conseguirem, seria melhor confrontarmos este assunto. E ao fazê-lo precisamos reconsiderar tanto a metodologia quanto o nosso assunto”. (PRENSKY, 2001, p. 4)

De 2001, ano da publicação da obra de Prensky, até 2025 muito se inovou nas tecnologias digitais, porém é possível observar que as problemáticas da influência tecnológica nos modelos de pensamentos dos jovens que cresceram imersos em novos e mais complexos aparelhos se mantém, se não se intensificaram. A internet é portátil, os celulares são diversos e mais potentes, as inteligências artificiais democratizaram-se e qualquer pessoa com internet consegue inventar infinitas possibilidades e otimizar suas tarefas. Junto com o lançamento de novos aparelhos a cada ano, podemos supor que as relações, modo de vida e mentalidade da geração muda concomitantemente. Essa flexibilidade irregular, conforme o mercado tecnológico, é comprovado, no cenário brasileiro, pela discussão dos perigos da internet como uma “terra sem lei” posterior à implementação desta no modo de vida.

AQUILO QUE É PERENE E DESCONSTRUINDO O APARENTE





Antes de entrar na primeira fonte histórica foram realizadas três intervenções na turma, na primeira etapa do projeto. A primeira aula foi marcada por dinâmicas que proporcionaram uma maior interação com os alunos e a de conhecer alguns de seus interesses e os do pibidiano. Observando o ato passivo de copiar sem questionar, na segunda intervenção escrevi um texto contendo informações falsas sobre o conteúdo que os alunos estudaram recentemente, destacando datas para ajudar na percepção do errado e, prevendo contestar as informações falsas durante a mesma aula, foram utilizadas fontes históricas. Na terceira aula foi utilizado o dicionário para definir alguns conceitos importantes para o projeto como “fonte”, “agente” e “ruptura” e depois acrescentado “histórico(a)” em cada um deles e observar a diferença. Houve uma conversa sobre a proposta do “Meu Passado Hoje”.

O trato da fotografia começou no dia 07 de maio, passado os feriados de abril. Nesta aula foi feito um panorama sobre a imagem fotográfica. Utilizando o projetor da escola na sala do 9º01 foi feito questionamentos sobre o conceito de “imagem” e como este não se restringe a fotografia e uma breve evolução dos instrumentos fotográficos (já que a intenção é mostrar a História através da fotografia e não a história da fotografia, inclusive bem pontuado a diferença). As experiências dos estudantes foram incluídas e foi do interesse saber aqueles que possuem celular, pois este tornou-se o principal aparelho para o uso da fotografia.

Recorrendo a imagens fotográficas mundialmente conhecidas foi construído uma narrativa partindo dos sentimentos manifestados nos retratos. O romance nas fotografias dos anos 50 de casais se beijando no contexto do pós-guerra. A capacidade de expressão não verbal como na foto da “menina afegã” de Steve McCurry (1985, National Geographic). A foto como denúncia das desigualdades sociais como a de 1957 em que mostra o assédio sofrido pela estudante negra Dorothy Counts por jovens brancos. Durante as exposições das fotografias foi pedido aos alunos que manifestassem suas opiniões e depois foi apontado, com base nas legendas de cada imagem (e destacando sua importância) o contexto de cada uma. Dessa forma, ficou mais compreensível o valor simbólico de fotografias de casais expressando sua paixão superado tempos de guerra, o motivo do olhar assombrado da jovem afegã de olhos verdes penetrantes refugiada no Paquistão e a resistência e conquista de espaços na sociedade por negros dos EUA dada a segregação racial institucionalizada do país.

Também fez parte da narrativa como as fotografias revelam o ordinário do cotidiano. Esse, talvez, tenha sido o momento mais esperado porque exibe como coisas consideradas banais também carregam história e que a fotografia não se limita a documentar grandes fatos, mas, vários estilos de vida com marcas da materialidade, com a presença de objetos, pessoas,



lugares... que nos revelam condições de vida, infraestrutura, etc., ou seja, aquilo que é perene.

A temática voltou-se para o Brasil do século XIX, em específico as cenas da escravidão e da Guerra do Paraguai. Uma foi a “Senhora na Liteira”, foto que permite uma ilustração da sociedade baiana de 1860, como a hierarquia social, meios de transporte, vestimentas... A temática da Guerra do Paraguai foi trazida por uma experiência na aula de Estágio II. Assim como na aula ministrada em outra oportunidade, foi colocado o interesse político nas fotos de guerra, neste caso para o Brasil ao expor, por exemplo, os acampamentos militares, a realidade frente à submissão e a ausência de homens. Utilizando uma imagem em específico foi possível trabalhar o aspecto da manipulação: uma foto das mulheres e crianças enquadradas é, na verdade, um recorte que esconde a presença de homens mais ao fundo. Isso muda tudo. Muda pelo menos a narrativa da ausência de homens naquele local. Muda ao saber que houve interesse de *alguém* em recortar a foto e apresentá-la daquela forma.

Nesse momento foi reforçado a problematização necessária à fotografia para ser utilizada como fonte histórica: o ângulo, as posições, o interesse subjetivo do fotógrafo ou de um grupo em determinado objeto e sua circulação, tendo em vista a complexidade de cada época para registrar uma fotografia, ou seja, a intencionalidade dos sujeitos do passado em perenizar para o futuro determinada imagem e, não menos importante, a sua recepção na sociedade. Nesse sentido, segundo Sonogo, é necessário uma metodologia que reforça:

a necessidade de desconstrução do aparente, desvendando aquilo que está oculto, identificando os assuntos/temas que foram focados naquele determinado momento histórico, os fotógrafos e agências/autores das imagens e as tecnologias empregadas em sua produção, bem como o contexto em que foram realizadas e a utilização da linguagem verbal para o preenchimento das brechas e silêncios deixados pela imagem. (Sonogo, 2010, p. 114)

Feito o panorama a apresentação voltou-se para a desconstrução do aparente e a discussão das possibilidades e dos limites da fotografia, essencial para a atividade dos alunos. Nesse sentido, foi do interesse destacar, através de exemplos de fotografias, passos da problematização das imagens para o aluno ser capaz de compreender o implícito e ir além do aparente. É importante ter em mente que há várias interpretações de acordo com cada receptor e o contexto em que está inserido e que essa interpretação modifica o significado dessas imagens. Entender que a fotografia não é uma prova incontestável e que é necessário, assim como na análise de qualquer outra fonte histórica, a prática de dialogar com fontes distintas.

A segunda aula de foi com o tema da Guerra dos Canudos por fotos de Flávio de Barros restaurada pelo Instituto Moreira Salles e incluídas no Acervo Museu da República.



RESULTADOS E DISCUSSÃO



X Encontro Nacional das Licenciaturas em Educação do Projeto

Assim como vários momentos do projeto, a atividade foi pensada como um combinado feito com os alunos. Quer dizer, uma conversa sobre as possibilidades e os limites da atividade que resultou numa participação mais efetiva e respeitosa ao considerar importante as opiniões dos próprios estudantes. Neste episódio, já que a proposta foi fotografar alguma parte da escola que gostariam de perenizar, tendo em vista as discussões feitas em sala como o ângulo, a intenção do registro e afins, foi necessário transitar pela escola em horário de aula e, ainda, com o celular em mãos. Portanto, tendo em mente o objetivo bem delineado da atividade não ocorreu nenhum distúrbio e, ao mesmo tempo, ficaram livres para fotografar.

Neste mesmo horário de aula, quando retornaram para sala, foram reforçadas as outras partes da atividade: legenda, segundo registro e envio. A intenção da legenda era que os alunos escrevessem dados importantes sobre o registro: título, o local e a data, a autoria. Mas acredito que falhei na explicação da parte das legendas. Gostaria que eles redigissem o significado de cada registro, porém recebi de poucos essa parte escrita. O segundo registro é algo do cotidiano do aluno fora da escola e tiveram liberdade de escolha do tema desde que com um olhar mais crítico, lembrando das discussões feitas em sala. Por último, o envio da atividade foi combinado pelo email, já que os alunos têm um institucional e pelo receio de passar meu contato direto. No geral, apesar de muitos deixarem para o dia anterior da apresentação, recebi bons trabalhos e percebi que ajudaram os colegas no envio do trabalho.

A aula seguinte foi a apresentação dos resultados. Assim como todas as aulas desta etapa, foi imprescindível o uso do projetor em sala para apresentar as fotografias. No entanto, foi possível verificar empecilhos, como as péssimas condições das cortinas que resulta numa iluminação indevida e a falta de uma tela branca para melhor visualização do que está sendo projetado. Dadas essas condições, a apresentação dos resultados em slides foi de certa forma, inesperado pelos alunos. Alguns ficaram com vergonha, mas a aula ficou marcada pelo interesse contínuo de todos, além de ter sido a solução encontrada para compartilhar tais resultados já que não há um perfil para divulgação dos mesmos.

O recorte para este artigo são dois resultados. O primeiro é o do aluno X. Na sua imagem de dentro da escola, ele colocou uma legenda enorme e bem descritiva. Como na apresentação foi o primeiro a aparecer com um texto mais elaborado e descritivo da imagem houve uma aclamação pelo trabalho do colega. Dessa forma, houve uma expectativa para a segunda imagem, em que aluno X colocou a seguinte legenda:





A imagem retrata uma cena residencial tranquila em um vale verdejante, com uma serra ao fundo. No primeiro plano, há uma rua asfaltada e estreita que se curva suavemente, ladeada por casas de telhados vermelhos e cercas verdes exuberantes. [...] A rua está deserta, sem veículos ou pedestres visíveis, o que contribui para a sensação de calma. Na parte central da imagem, há uma densa vegetação que cobre a encosta da serra, criando um contraste vibrante com as casas. O céu é de um azul claro e brilhante, com algumas nuvens brancas esparsas. A luz do dia destaca as cores saturadas da cena, conferindo um tom alegre e quase onírico à imagem (Aluno X, atividade enviada por e-mail)

A legenda manteve o teor descritivo das imagens expostas, porém, durante os momentos finais da leitura foi identificado a palavra “onírico”. Como coloquei muitas imagens e escritos nos slides, não prestei muita atenção (tendo em vista que muitos enviaram um dia antes) nesta palavra em particular, mas quando me dei conta no momento da apresentação percebi que não sabia o significado e pedi para o aluno me explicar. Porém, este ficou retraído e, também pela reação dos colegas, ficou claro que ele mesmo não sabe o que quer dizer e, portanto, que não escreveu estas legendas.

Naturalmente, a apresentação foi interrompida para que eu e a professora explicasse as consequências do uso da inteligência artificial, em especial neste caso. Foi possível observar como, apesar da ótima descrição feita pela ferramenta digital, as IAs não conseguem expressar sentimento, a não ser se for programada exatamente para isso, ou seja, não há a subjetividade do estudante nesta legenda, de forma alguma. Assim, a atividade falhou no objetivo de proporcionar ao estudante a oportunidade de desenvolver suas ideias e expressar sua olhar histórico na legenda como agente que é ao se contentar com uma palavra sem significado para si, por não ter incluído aspectos da sua própria realidade, quer dizer, características implícitas da imagem como o objetivo, as transformações e condições materiais das casas e ruas... a capacidade de atribuir um significado histórico para aquela foto comum, do cotidiano, que a inteligência artificial não consegue. Esse resultado pode mostrar a dimensão da compreensão crítica do registro fotográfico como fonte histórica do aluno X.

Por outro lado, o aluno Y, apresentou em suas fotografias uma legenda marcada com elementos que evidenciam sua participação no recorte temporal e espacial que fotografou e distingue o seu olhar pessoal remetendo à sua vivência particular para preencher a legenda, como brincadeiras e ressaltou mudanças materiais da escola, como a retirada do parquinho. Na fotografia da escola, esta foi a legenda:

A escola é um lugar muito antigo, um lugar já marcado no Tijuco, um lugar de aprendizagem, um lugar que todos nós temos que passar uma fase da nossa vida, a escola Iago Pimentel foi a escola que eu cresci e vivi, ali a gente aprende muitas coisas. Ali tinha um parquinho onde as crianças brincavam e se divertiam, mas foi retirado, mas tem a quadra a onde já joguei várias vezes, aonde teve vários jogos,





várias brincadeiras aonde nós nos divertimos muito, a escola é uma casa para gente.
(Aluno Y, atividade enviada por e-mail)

Na segunda imagem, referente a um local fora da escola, o aluno Y seguiu a mesma linha. Apesar deste não ter feito uma descrição detalhada da fotografia, o leitor consegue ir além do explícito já que o estudante priorizou fazer uma legenda em que relaciona a funcionalidade do que está sendo retratado, como a escola e a quadra, com as suas experiências como indivíduo que frequenta estes locais, ou seja, colocou situações comuns do seu cotidiano como fatos históricos de sua vida. Isso contribui para o estudante se perceber como agente histórico e entender que não é necessário grandes eventos ou rupturas para perenizar sua ação neste tempo e espaço.

Diante dos resultados desta atividade, é possível discutir possibilidades dos celulares como instrumentos pedagógicos, os usos e abusos da inteligência artificial na educação e a consecução dos objetivos do projeto “Meu Passado Hoje”. Os aparelhos celulares devem ser considerados ferramentas que possibilitam a praticidade de algumas tarefas em sala de aula, como a chamada, lançamento de notas e tirar dúvidas quanto às datas. No entanto, soa como uma conduta contraditória o uso do aparelho pelo professor enquanto é completamente condenado o dos estudantes, dentro de uma vigilância excessiva e consequências para isso, às vezes até para o próprio professor. Dessa forma, acredito que a possibilidade é desenvolver atividades pedagógicas pontuais com o uso dos celulares para não banalizar sua capilarização na sociedade e colocá-lo na posição de “elefante na sala” ou “elefante branco”, já que não são inúteis pedagogicamente. Na perspectiva de Prensky (2001), é importante ter em mente que os “Nativos Digitais” não aprendem da mesma forma que os “Imigrantes Digitais”.

É possível chegar a uma conclusão semelhante ao analisar o uso das IAs. É perceptível que, nos últimos anos, as inteligências artificiais ficaram mais acessíveis por realizar serviços gratuitos como o de busca de sites, de criação de imagens, textos descritivos e argumentativo e afins, aumentando, então, o número do público interessado por um resultado mais rápido e menos trabalhoso conforme as suas necessidades. Nesse sentido, é importante delimitar a utilização desta ferramenta na educação, com respaldo na vida adulta e cidadã, pois, na medida em que são ultrapassados, os abusos das IAs podem ter consequências mais sérias no desenvolvimento cognitivo do jovem ao barrar, por exemplo, o processo de evolução de funções mentais como memória e raciocínio e, então, impedir que os indivíduos expanda sua subjetividade e a compreensão de sua agência histórica.

A conclusão desta etapa do projeto permitiu observar como seus objetivos principais, como o aperfeiçoar da problematização de fontes como produtos sociais, o senso crítico dos





estudantes e a inteligibilidade destes como agentes sociais estão sendo colocados em prática e os novos rumos a seguir para melhor realizá-los. Conforme acredita Almeida (2002), o projeto tem essa flexibilidade de se adequar às necessidades e isso me permite modificar a metodologia para cumprir tais objetivos, como trazer novas atividades e discussões, assim como outras fontes, do caráter do projeto. Apesar da falha de comunicação com a proposta da legenda, esta serviu para mostrar nestes exemplos, mais do que a própria fotografia, o entendimento da atividade por parte dos alunos e de evidenciar a subjetividade dos mesmos. Nesse sentido, mesmo que muitos não tenham feito ou redigido coisas simples, a atividade permitiu colocar o aluno num ponto de vista diferente do seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência procurou mostrar a aplicação de uma etapa do projeto desenvolvido pelo PIBID e sua importância para minha formação ao lidar com problemas de infraestrutura da escola, do uso de aparelhos celulares (sua proibição e possibilidades pedagógicas), da inteligência artificial, de como estimular o interesse dos estudantes, ou seja, questões cotidianas de um professor mas, em específico, também por melhor compreender a personalidade dos alunos e as particularidades da E. E. Professor Iago Pimentel.

Acredito que, sendo a primeira experiência com a práxis teoria-prática no trato das fontes históricas, este seja um relato alegre por mostrar que é possível utilizá-las em sala e se interessar pela subjetividade dos estudantes, mais do que criar pequenos historiadores. A sala de aula é um local de produção de saber e permite o professor também aprender, mas um grande desafio atual talvez seja o de desenvolver táticas que despertem a “curiosidade epistemológica” dos estudantes e o seu olhar crítico para o seu cotidiano na intenção de se perceber como agente histórico. Diante do onírico objetivo de ser um cidadão autônomo, ético e responsável com a sociedade e consigo mesmo, temos de manter a esperança no poder transformador da educação e não nos esquecermos de desenvolver e abraçar nossa subjetividade para sentirmos nossa marca no mundo e construir meu passado hoje.





REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elisabeth de. Como se trabalha com projetos (Entrevista). *Revista TV ESCOLA*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, nº 22, março/abril, 2002

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERMINARI, Geyso D. O desenvolvimento do pensamento histórico na Educação Infantil: possibilidades de trabalho com arquivos familiares. *Revista Diálogo Educacional*, v. 14, n. 43, p. 805-819, 2014.

PRESNKY, Marc. *Nativos digitais, imigrantes digitais*. 2001. Acesso em 17 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://mundonativodigital.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf>

SONEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. *Historiæ, [S. l.]*, v. 1, n. 2, p. 113–120, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2366>. Acesso em: 17 out. 2025.

